



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

FABIANA MARIA SOARES DA SILVA

**INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA COM CRIANÇA DISLÉXICA:
um estudo de caso na Escola de Educação Básica da Universidade Federal
da Paraíba**

Orientadora: Prof.^a Ma. Fernanda Mendes Cabral A. Coelho

JOÃO PESSOA

2016

FABIANA MARIA SOARES DA SILVA

**INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA COM CRIANÇA DISLÉXICA:
um estudo de caso na Escola de Educação Básica da Universidade Federal
da Paraíba**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof.^a. Ms^a Fernanda Mendes Cabral
A. Coelho

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms^a Fernanda Mendes Cabral A. Coelho
Orientadora) Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr^a Norma Maria de Lima(Membro)
Universidade Federal da Paraíba

S586i Silva, Fabiana Maria Soares da.

Intervenção psicopedagógica com criança disléxica: um estudo de caso na Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba / Fabiana Maria Soares da Silva.– João Pessoa: UFPB, 2016. 31f.

Orientadora: Fernanda Mendes Cabral A. Coelho
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Psicopedagogia)
– UFPB/CE

1. Intervenção psicopedagógica. 2. Aprendizagem - dificuldades.
3. Dislexia. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.015.3(043.2)

INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA COM CRIANÇA DISLÉXICA: um estudo de caso na Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

As Dificuldades de Aprendizagem têm sido bastante discutidas em estudos e pesquisas das Ciências Humanas, visto ser um fato que merece atenção e aprofundamento teórico por envolver fatores psicossociais, biológicos e intelectuais. A partir disso surgiu a necessidade de identificar a discrepância entre uma dificuldade e um transtorno de aprendizagem, dando a atenção para a dislexia. A dislexia prejudica a aprendizagem do sujeito, uma vez que é um transtorno hereditário que interfere na decodificação no ato da leitura, escrita, no desempenho da matemática e nas noções espaço temporais. A pesquisa objetivou discutir o papel das intervenções psicopedagógicas e multidisciplinares como mediação para o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança disléxica na Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba, bem como, conhecer o processo de aprendizagem e sociabilidade da criança disléxica; contribuir com a leitura e escrita da criança disléxica e desenvolver métodos psicopedagógicos que auxiliem o desenvolvimento e aprendizagem de crianças com dislexia.

Palavras-chave: Intervenção Psicopedagógica. Dificuldades de Aprendizagem. Dislexia. Criança.

1 INTRODUÇÃO

As Dificuldades de aprendizagem têm sido bastante discutidas em estudos e pesquisas das Ciências Humanas, visto ser um fato que merece atenção e aprofundamento teórico por envolver fatores psicossociais, biológicos e intelectuais (STAMPA, 2009 SMITH; STRICK, 2007). Dentre os fatores mais importantes, destacamos a linguagem por ser fundamental para o desenvolvimento das interações e socializações humanas. A linguagem é um processo inato, desde os movimentos corporais até a evolução das expressões orais, e conseqüentemente, a aquisição da linguagem codificada e decodificada da leitura e escrita passa por etapas e evoluções. Porém, de acordo com Viana et al. (2014) todo esse processo não se desenvolve da mesma maneira em cada indivíduo, cada sujeito desenvolverá a linguagem conforme estímulos e experiências vivenciadas ao longo da vida, ampliando sua capacidade de cognição e socialização.

É por meio da linguagem que a criança justifica suas ações, afirmações e negações; e, ainda, é por meio da linguagem dela que se pode verificar a existência ou não da reciprocidade entre ação e pensamento e, conseqüentemente, o estágio do desenvolvimento cognitivo da criança (PALANGANA, 2015, p. 23).

Para melhor compreendermos os processos que impedem o desenvolvimento da linguagem é preciso identificar a discrepância entre uma dificuldade e um transtorno de aprendizagem, assim, evitando rótulos e diagnósticos precoces. A linguagem possui grande importância para os indivíduos nas interações sociais, pois da linguagem corporal evoluímos para a linguagem oral, e, em seguida, adquirimos a linguagem da leitura e escrita. Todavia, não é tão simples como parece, principalmente em se tratando da leitura e escrita, apesar de termos predisposição inata às aprendizagens complexas precisamos de um mediador para que os indivíduos desenvolvam os processos cognitivos e psicossociais de maneira adequada e contínua.

Nesta perspectiva, o ambiente social é determinante para a aquisição das linguagens, principalmente em relação ao período da infância, onde as crianças se desenvolvem a partir das referências e informações presentes em seus contextos e realidades, pois todas as experiências sociais individuais e coletivas interferem diretamente no seu relacionamento intra e interpessoal, da mesma forma que os fatores biológicos também influenciam tais desenvolvimentos (ROTTA; OHLWEILER; RIESGO, 2006).

As crianças que crescem em ambientes estimuladores são favorecidas cognitivamente e possivelmente aprendem mais rápido e desenvolvem habilidades e percepções que, sem estímulo, não desenvolveriam.

Vygotsky (1993) considera a comunicação intrapessoal o elemento essencial para o desenvolvimento do pensamento. Para ele, a linguagem se inicia pelo uso social, de contato com outros seres humanos, ou seja, a comunicação interpessoal. A partir disso, a criança desenvolve a fala egocêntrica, que equivale a um pensar alto, e, posteriormente, esta se interioriza (MALANGA, 2004, p.3).

No entanto, no processo de aquisição de linguagem alguns indivíduos apresentam dificuldades acarretando problemas em outras áreas relacionadas com a aprendizagem,

Assim sendo, problemas na aquisição da linguagem oral podem ser a primeira manifestação de distúrbios de aprendizagem e que poderão, mais tarde, vir a comprometer o aprendizado da leitura, da escrita e do raciocínio lógico-matemático. Os distúrbios da aprendizagem, portanto, independem da idade cronológica e do fato de a criança frequentar ou não uma escola (ZORZI, 2004, p.14).

Stampa (2009) resume que a dificuldade na escrita vai além da ausência de memorização da palavra, mas da falta de entendimento que cada palavra tem sua própria grafia, distinguindo várias vezes da pronúncia da fala. Com isso o aparecimento de dificuldades na leitura e escrita durante o processo de alfabetização é bastante corriqueiro, de modo que os educadores (pais e professores) devem estar atentos aos primeiros sinais de impedimento na aprendizagem da linguagem procurando prevenir o surgimento da dificuldade, o que poderá acarretar num problema agravado. Daí a necessidade de um acompanhamento multidisciplinar no contexto escolar, com pedagogos, psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogo, pediatra ou até um neurologista para identificar e tratar a causa da não aprendizagem da criança.

Os problemas de aprendizagem se caracterizam como: problemas familiares, disortografia, disgrafia, imaturidade, falta de perseverança nas realizações das tarefas, problemas de saúde, hiperatividade, distúrbios psicossociais, deficiência motora, relacionamento interpessoal, deficiência visual, deficiência auditiva ou a escola que, muitas vezes, não oferece oportunidades diversificadas de alfabetização (STAMPA, 2009). Dentre esses problemas, destacamos a dislexia por ser um transtorno que está bastante presente nas escolas e por ser de difícil diagnóstico, gera desconforto tanto para as crianças quanto para os

familiares e educadores que, por desconhecimento, acabam dificultando o avanço cognitivo e social da criança. Apesar de cada criança apresentar seus próprios ritmos de aprendizagem, é relevante nas fases iniciais observar qualquer atraso seja ele da linguagem, no aspecto motor, ou posteriormente no desenvolvimento da leitura e escrita, pois, pode ser um sinal maior não apenas de dificuldade, mas, de um transtorno específico da leitura, como a dislexia.

A dislexia prejudica a aprendizagem do indivíduo, uma vez que é um transtorno hereditário que interfere na decodificação no ato da leitura e escrita, no desempenho da matemática e nas noções espaço temporais, apesar do indivíduo possuir um potencial cognitivo normal, esse mesmo problema é mais visível a partir dos 6 a 7 anos de idade (ROTTA; OHLWEILER; RIESGO, 2006).

Porém, ter dislexia não quer dizer que a pessoa seja incapaz de desenvolver algum exercício ou trabalho, ou qualquer atividade mais complexa, significa sim, que necessitará de mais tempo para desenvolvê-los, devido sua limitação cognitiva de armazenamento na memória e na interpretação do texto decodificação/grafofonêmico (ROTTA; OHLWEILER; RIESGO, 2006).

De acordo com Dumas (2011) a dislexia e a dificuldade de aprendizagem são, costumeiramente, confundidas no início da aquisição da leitura, pelas trocas ortográficas. No entanto a dislexia consiste na transposição de inversão de letras e números como p/q, b/d, 3/5, 6/9, entre outros, pelo problema na percepção e na memória, omissões e inversões de letras, características estas, pertinentes aos indivíduos com esse transtorno específico na leitura pelo qual o indivíduo carrega esse problema para a vida toda, criando meios apenas para minimizar as dificuldades. Como o disléxico possui a inteligência normal ou acima do normal ele compreende suas habilidades para compensar suas limitações.

Nas dificuldades de aprendizagem estas inversões podem ocorrer sem que o mesmo apresente disfunção neurológica, advindo de outros fatores, além disso, a dificuldade de aprendizagem caracteriza-se principalmente pelo baixo desempenho escolar apresentado pela criança, de modo que esta interfere nos processos de aprendizagem e desenvolvimento, acarretando posteriormente problemas em quaisquer áreas acadêmicas. Esses problemas que afetam a aprendizagem da criança podem ser gerados por diversos fatores como o meio em que a criança está inserida, a metodologia adotada pelo professor e/ou fatores psicológicos. Sendo normal nas fases iniciais da alfabetização, porém com o passar do tempo a criança vai se adaptando e o problema vai deixando de existir (SMITH; STRICK, 2007).

A Classificação Internacional de Doenças-10 apresenta a Dislexia como transtornos de aprendizagem que compreende uma inabilidade específica, tanto na leitura, escrita e/ou na matemática, ainda ressalta que não podemos confundir uma não oportunidade de aprendizagem ou uma doença cerebral adquirida com um transtorno de aprendizagem que é biológico. Lembrando que a dislexia se encaixa na inaptidão na área da leitura com a lentidão e a falta de fluência das palavras.

Os pais e educadores devem está atentos a qualquer sinal de irregularidade no desenvolvimento da criança, pois é a melhor fase para diagnosticar e trabalhar as dificuldade e limitações. É preciso compreender a dislexia e identificar os instrumentos psicopedagógicos que podem servir de suporte para diminuir as dificuldades de aprendizagem, sempre considerando as competências e as limitações do sujeito aprendente. Contudo, deve-se ter um cuidado para que não subestime a capacidade dessa criança, pois independente das dificuldades específicas, suas demais habilidades e inteligências apresentam normalidade.

A Psicopedagogia é um campo de estudo e pesquisa que tem a aprendizagem humana, seja ela de forma preventiva ou curativa, sendo assim, esse profissional busca atender as necessidades especiais do indivíduo com dislexia trabalhando com a motivação e a autoestima, criando meios que proporcione à criança mecanismos para que ela se adapte ao seu jeito de aprender. A partir disto, o trabalho multidisciplinar proporciona uma parceria direta entre o psicopedagogo com outros profissionais de áreas afins, assim como os educadores, pais/professores, psicólogos de forma que juntos sejam facilitadores da aprendizagem.

Nesta perspectiva, tivemos como elementos norteadores as seguintes questões: quais profissionais, como o psicopedagogo, poderão auxiliar no acompanhamento da criança disléxica no processo de ensino-aprendizagem? Como estabelecer uma interação efetiva entre família, escola, psicopedagogo e criança com dislexia? Quais as estratégias mais indicadas para o tratamento psicopedagógico junto às crianças disléxicas? Como a criança disléxica enfrenta as dificuldades cotidianas no processo de leitura e escrita?

Portanto, diante desta problemática, a pesquisa teve o objetivo de discutir o papel das intervenções psicopedagógicas e multidisciplinares como mediação para o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança disléxica na Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba, bem como, conhecer o processo de aprendizagem e sociabilidade da

criança disléxica; contribuir com a leitura e escrita da criança disléxica e desenvolver métodos psicopedagógicos que auxiliem o desenvolvimento e aprendizagem de crianças com dislexia.

A escolha do trabalho surgiu mediante a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a dislexia na prática psicopedagógica educacional, buscando compreender os instrumentos e procedimentos adequados ao contexto e às necessidades da criança aprendente, para que se possibilite minimizar o problema, desenvolver habilidades e acima de tudo, respeitar as limitações e especificidades de cada intervenção.

Para uma melhor apresentação, o texto se divide em cinco momentos. No primeiro momento estão introduzidos o objetivo do trabalho, os argumentos verificados acerca da pesquisa e a justificativa pelo interesse do tema abordado. O segundo momento evidencia a Leitura e Escrita como desafios para o indivíduo disléxico, ressaltando o processo de aquisição da leitura e escrita e suas dificuldades. Destacamos também a Dislexia, seus conceitos e implicações ressaltando as características do disléxico, causas e impasses, bem como, procuramos mostrar a importância da Intervenção Psicopedagógica e Multidisciplinar junto à criança disléxica com orientações que favorecem a aprendizagem.

Dando prosseguimento, no terceiro momento discorreremos sobre o percurso metodológico, os participantes, os relatos de observação e materiais utilizados durante o estudo. O quarto momento apresenta as análises dos resultados decorrentes da pesquisa de campo e das intervenções psicopedagógicas realizadas junto à criança com dislexia. Por fim, nas considerações finais, retomamos o problema de pesquisa e apresentamos os principais achados.

2 LEITURA E ESCRITA: desafios para o indivíduo disléxico

No Brasil, a educação ainda é um setor desprestigiado pelas políticas econômicas e sociais, há ainda várias crianças fora das escolas e essa situação ainda está longe de ser resolvida. De acordo com o Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE), o país apresenta 14 milhões de analfabetos, sendo a maior parte encontrada no Nordeste, Norte e Centro Oeste, o que corrobora com os dados dos indicadores de Analfabetismo Funcional (INAF, 2011) que aponta cerca de 6% dos brasileiros são analfabetos, 21% analfabetos rudimentares e 47% que estudaram apenas as séries iniciais. De acordo com Morais (2014) a

situação do analfabetismo no Brasil é bastante grave, pois apresenta um desempenho insatisfatório na leitura, atingindo apenas 26% de bons leitores.

A leitura não é um fator inato no ser humano como a fala, mas, é um elemento predisposto a acontecer, porém, algumas pessoas apresentam algumas dificuldades que impedem que esse processo ocorra naturalmente e necessitam de um suporte que estimule e favoreça a codificação e decodificação da leitura. Para se chegar ao grau de escrita desejado o indivíduo passa por várias fases, com isso, deve-se considerar os procedimentos e recursos utilizados para o desenvolvimento do processo de escrita, lembrando que cada indivíduo é um ser único e tem suas próprias maneiras de aprender, portanto existem alguns níveis no desenvolvimento da escrita que servem como parâmetros para o processo de aquisição da escrita. No entanto, a criança está sujeita a algumas alterações que interferem neste processo, ou seja, o indivíduo pode apresentar sinais de dificuldade de aprendizagem, gerado pelo meio externo ou advindo por questões orgânicas e biológicas.

As escolas determinam uma idade para que a criança se alfabetize, essa idade é estipulada pelo Ministério da Educação, que orienta que alunos de 8 anos de idade saiam da 3ª série sendo leitores, porém, não é o que acontece com os alunos das escolas privadas, os mesmo têm uma preparação para a leitura e escrita, pelo qual saem da 1ª série do ensino fundamental dominando o código ortográfico e alfabetizado. E mostram que com 5 anos de idade a criança já possui capacidade cognitiva e perceptiva desenvolvida para aprender a ler, no qual estudos comprovam que nessa idade o indivíduo já obtêm do processamento da linguagem completo (MORAIS, 2014).

De acordo com Stampa (2009) o apoio da fala na escrita é bastante comum, porém, a língua escrita nem sempre corresponde à linguagem falada, é o caso dos dígrafos com apenas um som, o som do “z” que por várias vezes corresponde o “s” o “h” que possuem o som mudo. É necessário desenvolver com frequência a leitura para que as palavras permaneçam alojadas no nosso léxico. Pessoas com transtorno no processo da leitura e escrita por várias vezes sofrem com o problema de alteração fonética.

A escola se depara com vários tipos de dificuldades de aprendizagem, o que pode gerar um enorme desafio para a instituição, pois, alguns destes problemas possuem uma grande semelhança, dificultando a identificação e o procedimento a ser realizado com o indivíduo. É importante identificar o problema educacional da criança, seja ele social,

psicológico, acadêmico, ou patológico, e posteriormente intervir nesta dificuldade (SMITH; STRICK, 2007).

Os transtornos de aprendizagem englobam a falta de aptidão em instruções como o da leitura, escrita e o da matemática, sendo esta dificuldade um fator que interfere significativamente no processo de obtenção do conhecimento no indivíduo, a criança em contrapartida, apresenta nesse caso um cognitivo normal e uma escolaridade compatível à sua idade, porém não conquista a aprendizagem de forma satisfatória (ROTTA; OHLWEILER; RIESGO, 2006).

Segundo Teixeira (2014) algumas crianças não possuem condições de acompanhar as instruções em sala de aula, por apresentarem algum tipo de limitação, de modo que quando não tratado precocemente pode ocasionar numa dificuldade maior, interferindo no desenvolvimento acadêmico do indivíduo. Muitas características se assemelham com o transtorno da dislexia, caracterizadas pelas dificuldades na leitura, soletração, escrita, expressões orais e na matemática.

De acordo com Teixeira (2014), para a criança que apresenta um transtorno específico da leitura, um dos mecanismos mais adequados na intervenção psicopedagógica é o brincar, essencial quando adequado às metodologias pedagógicas, pois, a criança desenvolve a psicomotricidade, a criatividade e a persistência, estimulando os processos de leitura e escrita, proporcionando, portanto, a construção do saber, neste sentido, é por meio da brincadeira que a criança desenvolve o intelecto, a interação social e a criatividade, favorecendo assim, sua aprendizagem.

A alfabetização para a criança disléxica é bastante complicada, pois é a partir desta que se evidenciam as dificuldades, limitações e a cobrança de aprender a leitura e concomitantemente a escrita, o que para muitas crianças é um processo fácil e natural, para o disléxico é difícil e doloroso. A carência de compreensão e armazenamento de palavras no léxico dificulta demasiadamente o sucesso escolar sendo este problema insistente mesmo desfrutando de um contexto favorável.

Por intermédio de Pavão (2005) pode-se compreender que a linguagem é um processo natural no desenvolvimento e que existe uma idade que serve como referência para que os processos maturacionais se desenvolvam e estejam aptos para realizar as atividades, como é o caso da linguagem oral e da leitura e escrita.

Para Massi (2007) há a necessidade de um diagnóstico correto em meio das diversas patologias existentes, para que não se crie um rótulo desnecessário, portanto, deve-se investigar a trajetória da apropriação da linguagem falada e escrita. O diagnóstico errado pode afetar a vida do indivíduo e de sua família, por isso, deve-se examinar se o fato da criança não ler ou não escrever é advindo de um déficit de alfabetização, uma falta de maturação ou um problema no seu contexto.

2.1 A DISLEXIA, SEUS CONCEITOS E IMPLICAÇÕES

Segundo Alves (2011) a dislexia passou por várias nomenclaturas como cegueira verbal em 1896, distúrbio específico da leitura em 1925, e nos últimos anos passou ainda por dislexia congênita, estrefossimbolia, alexia do desenvolvimento, disfunção cerebral mínima, dislexia constitucional, entre outros. Antigamente a dislexia era vista como um problema decorrente de anomalias sensoriais ou do sistema visual, porém, a partir dos anos 70 a 80 foram vistas como fatores cognitivos e linguísticos, outros estudos se voltaram na década de 90 ao foco dos fatores sensoriais e perceptivos, considerando os fatores fonológicos. Hoje em dia, a definição de dislexia mais adotada é de um transtorno específico da leitura, cujo indivíduo possui o cognitivo normal, porém um rendimento acadêmico inferior ao esperado a sua idade.

Rotta, Ohlweiler e Riesgo, (2006) classificaram a dislexia em dois âmbitos: a dislexia auditiva e a dislexia visual. Na dislexia auditiva é notada uma dificuldade em perceber e identificar os sons das sílabas, causando um bloqueio em ouvir e compreender uma explicação, uma ordem, e o ritmo das palavras. Na dislexia visual há uma complicação em identificar as palavras, na análise e integração visual, ocorrendo reversões e inversões de letras. Ainda existem casos que o indivíduo possui a dislexia mista, com a disfunção nos dois aspectos, visual e auditivo. Segundo estes autores, apesar das dificuldades existentes, o disléxico possui a visão, a audição e o Quociente de Inteligência normal.

É importante ressaltar que a dislexia é decorrente de fatores genéticos, adquiridos ou multifatoriais. A causa genética vem por meio da hereditariedade ou adquirida por uma educação inadequada, ou até mesmo, por problemas na gestação, por último, a multifatorial que é a interação entre as causas genéticas e as adquiridas (ROTTA; OHLWEILER; RIESGO,

2006). Segundo o DSM V- Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais V: Critério de Diagnósticos da Perturbação da Aprendizagem Específica:

Dislexia é um termo alternativo usado para referir um padrão de dificuldades de aprendizagem que se caracteriza por problemas no reconhecimento preciso ou fluente de palavras, decodificação e capacidades de soletração pobres. Se o termo Dislexia é usado para especificar este padrão particular de dificuldades, é também importante especificar quaisquer dificuldades adicionais que estejam presentes, tais como dificuldades na compreensão da leitura ou no raciocínio matemático (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p.67).

De acordo com Massi (2007) a família e os educadores taxam muitas vezes o disléxico como crianças preguiçosas, que possuem má vontade de realizar as tarefas, podendo também, ocasionar um indivíduo agressivo com comportamento antissocial diante dos adultos, ou ainda um indivíduo introvertido e isolado da sociedade. No entanto, são visões minimalistas, discriminatórias e excludentes que precisam ser combatidas principalmente no contexto escolar.

Segundo a Associação Nacional de Dislexia (AND) a criança, o adolescente e o adulto com Dislexia têm responsabilidades e direitos:

- O direito de ser reconhecido como portador de um transtorno funcional específico;
- O direito a diagnóstico e tratamento por um profissional de saúde que conheça adequadamente o transtorno.
- O direito de tomar decisões baseadas nas informações científicas disponíveis acerca dos benefícios, riscos e custos do tratamento de acordo com a individualidade de cada caso.
- O direito de receber, como aluno, um atendimento especial pelos educadores e instituições (AND, 2016, n.p.).

A dislexia não tem cura, é um problema que vai da infância e persiste na fase adulta, porém, existem métodos que proporcionam ao indivíduo a adaptação que possibilite a minimização das dificuldades existentes, por meio de estímulos cerebrais e da percepção, trabalhando ainda com a autoestima do indivíduo e da família, pelo qual amenize o sofrimento do sujeito, buscando um atendimento multidisciplinar, para que em parceria possa promover uma aprendizagem significativa, com outros profissionais como o fonoaudiólogo, o psicopedagogo e o psicólogo (CHAMAT, 2008).

3 A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA E MULTIDISCIPLINAR JUNTO À CRIANÇA DISLÉXICA

A psicopedagogia é um campo novo de trabalho, o qual surgiu pela necessidade de encontrar alternativas para promover a aprendizagem do indivíduo, seu trabalho é de caráter preventivo e terapêutico a fim de sanar a dificuldade de aprendizagem e minimizar o fracasso escolar. Os sintomas da não aprendizagem como a falta de atenção, desequilíbrio emocional, o cognitivo abaixo do esperado, hiperatividade, o desinteresse entre outros, influenciaram o surgimento deste profissional que objetiva melhorar o desempenho do indivíduo, visando todos os aspectos relacionados ao seu desempenho escolar como o contexto que o indivíduo esta inserido, o seu aspecto motor, sua cognição, o seu emocional, e método de ensino da escola (GRASSI, 2009). Esses são alguns dos enfoques do Psicopedagogo, ou seja, manter o olhar voltado para a totalidade do aprendente, dessa forma, o profissional deve está atento à parte que cabe ao seu trabalho e onde necessita de uma parceria com outro especialista. Tendo em vista que o Psicopedagogo deve atuar com uma equipe multidisciplinar composta por Fonoaudiólogo, Psicólogo, Terapeuta Ocupacional, Psiquiatra, Pedagogo, Neurologista, entre outros, de acordo com a necessidade envolvida (BOSSA, 2007).

Para Porto (2009) o objetivo da psicopedagogia é adequar o aluno à sala de aula, trabalhando com seu potencial cognitivo e seus aspectos emocionais, e na escola o psicopedagogo deve fazer o papel de assessoramento aos componentes da escola: diretor, orientador, professores e garantir o vínculo entre professor, pais e estudantes.

Segundo Serra (2012) a psicopedagogia objetiva estudar compreender e intervir na aprendizagem humana de forma geral seja ela normal ou não, e todos os seres humanos em qualquer faixa etária podem fazer uso da psicopedagogia para aprender de forma eficaz, afinal o indivíduo está sujeito à aprendizagem desde o dia do nascimento até o envelhecimento do mesmo.

Vygotsky (1998) considera que a aprendizagem e o desenvolvimento humano caminham lado a lado, mesmo sendo processos diferentes, mas, contudo dependentes um do outro. Desta forma, como a aprendizagem ocorre por toda a vida, a dificuldade também pode acontecer em qualquer tempo e por isso a atenção de procurar um profissional para acompanhamento e apoio terapêutico.

O Psicopedagogo começa o seu trabalho com base em uma investigação das possíveis causas da não aprendizagem do indivíduo, a chamada *anamnese*, que proporciona identificar possíveis problemas desde a gestação até a fase atual do desenvolvimento do aprendente, para que assim possa avaliar e levantar a hipótese de qual fator está associado ao problema apresentado pelo indivíduo para poder construir sua intervenção (LOPES, 2008).

A psicopedagogia pode ser trabalhada em ambientes clínicos, institucionais ou hospitalares. Na escola o psicopedagogo trabalha em parceria com os gestores, professores e psicólogos escolar, desenvolvendo métodos específicos para se trabalhar em cada sala dependendo das suas necessidades e procurando olhar a singularidade de cada estudante, e dependendo de algum transtorno ou limitação mais séria o psicopedagogo pode realizar alguns encaminhamentos para auxiliar a família desse aprendente. Na clínica esse mesmo profissional trabalha individualmente com o aprendente, procurando identificar um modo que facilite a aprendizagem.

A aprendizagem ocorre em diferentes espaços, em casa, na praça, na igreja, na escola, nas interações sociais, culturais, religiosas, entre outras, contudo a aprendizagem escolar é bem relevante, pois ela cumpre um papel essencial na evolução da criança de forma social e acadêmica. O psicopedagogo deve investigar esse ambiente em que se começa a notar e aprimorar o conhecimento intelectual do indivíduo. Na escola os professores devem fugir do tradicionalismo e criar métodos que auxiliem o disléxico a realizar avaliações orais, acrescentar um tempo maior para que o mesmo realize as suas atividade ou avaliações, retirar o máximo de proveito das atividades realizadas pelo indivíduo utilizando suas habilidades, entre outras técnicas. Os pais e os docentes devem sempre se reciclar, procurar se aprofundar sobre o assunto, usar linguagens simples e precisa. Deve existir um acompanhamento com profissional como o psicopedagogo, este profissional que trabalha diretamente com a aprendizagem, seja ela normal ou patológica, intervindo de forma a minimizar a deficiência ou dificuldade do ser humano, atuando em sua confiança, motivação, autoestima e a criatividade.

Neste contexto, o papel do professor não é fácil, pois tem o desafio de lidar com conteúdos curriculares necessários para cada série/idade, ter o domínio da disciplina em sala, planejar as atividades, estimular o interesse da criança, e além disso, acompanhar o ritmo coletivo da turma e atender às necessidades apresentadas por crianças com dificuldades. O educador tem que possuir um afeto ao seu trabalho, bem como, possuir um bom

relacionamento para com os alunos, e ter um auxílio (o cuidador) com casos específicos, um auxiliar de sala, o psicopedagogo escolar, entre outros, para que se possa minimizar essa dificuldade encontrada na escola (AMARO, et. al. 2012, p. 20-21).

O lúdico, os jogos e os brinquedos são grandes aliados para a intervenção psicopedagógica, pois desenvolve simultaneamente a aprendizagem e sociabilidade de forma mais dinamizada. Não há nada mais prazeroso para a criança do que a brincadeira, de modo que poder agrega-la como um instrumento importante para a aprendizagem trará excelentes resultados para o desenvolvimento cognitivo e integral das crianças. Tanto o professor, quanto o psicopedagogo e os pais devem procurar essa alternativa, jogos que remetem à matemática, os caça palavras, jogos da memória com palavras, jogo da forca, esses jogos, entre outros, fazem com que as crianças aprendam de forma prazerosa.

Os jogos trazem competências de atenção, memória, cognição, percepção, raciocínio lógico, tomada de decisão e assim as crianças aprendem com os erros, se adaptam regras, estimula o interesse da criança, a curiosidade, a motivação e a competitividade, tal como os professores devem pensar não apenas em passar o conteúdo de qualquer forma e a todo custo, mas procurar conciliar o que é satisfatório e cômodo ao estudante, pois a aprendizagem através do brincar possibilita sair um pouco do tradicionalismo, para uma perspectiva dinamizada. Outros métodos são bastante eficazes para o desenvolvimento satisfatório da aprendizagem, tal como o método fônico e o método multissensorial.

Pavão (2005) destaca a importância da consciência fonológica e como ela é afetada em indivíduos com dislexia, seus elementos como letras, sílabas, palavras e frases se tornam imprecisos para os mesmos. Como exemplo das frases: lá tá quente/ lata quente; topa/pato; cama/coma. O sujeito tem que discriminar o som e a letra de cada palavra.

A consciência fonológica é definida como a habilidade para refletir sobre a estrutura sonora de fala, bem como manipular seus componentes, envolve a capacidade de pensar e operar sobre a linguagem falada como um objeto (ALVES; MOUSINHO; CAPELLINI, 2011, p.73).

A discriminação fonológica é imprescindível na linguagem do indivíduo, pois por meio dela se consegue associar a fala e a escrita, por meio de grafema/fonema, possibilitando que a palavra se encaixe no seu léxico. O método multissensorial consiste nas habilidades sensoriais: o tato, a visão, a audição e a sinestésica e esse método teve início com a Pedagoga e Médica Maria Montessori. O intuito dessa técnica é trabalhar a forma ortográfica, fonológica,

o movimento da escrita e procurar que o estudante toque de forma concreta nas palavras para que possibilite sentir a forma da escrita, o mediador deve informar o som enquanto o aprendiz escreve a letra e assim gradativamente até chegar à construção de frases (SEBRA; DIAS, 2011).

Segundo Prado e Alioto (2011) é relevante averiguar o comportamento do disléxico acerca de suas potencialidades, suas precisões, seu QI e seu comportamento emocional antes de examinar sua leitura e sua escrita. Torna-se necessário evidenciar que o indivíduo com dificuldade de aprendizagem é capaz de aprender e adquirir conhecimentos, basta o mediador ser cauteloso, persistente e inovador ao mediar o conhecimento.

4 PERCUSSOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa teve o objetivo de discutir o papel das intervenções psicopedagógicas e multidisciplinares como mediação para o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança disléxica na Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba, bem como, conhecer o processo de aprendizagem e sociabilidade da criança disléxica; contribuir com a leitura e escrita da criança disléxica e desenvolver métodos psicopedagógicos que auxiliem o desenvolvimento e aprendizagem de crianças com dislexia.

Para tanto, optamos pela pesquisa empírica do tipo estudo de caso, que consiste em levantar características e especificidades de um objeto ou pessoa que permita o detalhamento complexo deste conhecimento (GIL, 2009). O estudo de caso se caracteriza pelo método exaustivo e profundo do objeto, de forma a permitir que “[...] a análise de uma unidade de determinado universo possibilite a compreensão da generalidade do mesmo ou, pelo menos, o estabelecimento de bases para uma investigação posterior, mais sistemática e precisa” (GIL, 1991, p. 79).

De acordo com Gil (1991), a intenção do estudo de caso é “revelar a descoberta de novos significados, estender a experiência do leitor ou confirmar o já conhecido” (ANDRÉ, 2005, p.18), nesta perspectiva, quanto aos objetivos utilizamos o método descritivo, o qual exige do investigador a transcrição precisa das informações sobre os fatos e fenômenos de determinada realidade que se pretende estudar (TRIVIÑOS, 1987).

A análise dos dados seguiu uma concepção hipotética dedutiva que compreende o fenômeno do particular para o geral de modo qualitativo.

A pesquisa qualitativa é utilizada para investigar problemas que os procedimentos estatísticos não podem alcançar ou representar, em virtude de sua complexidade. Entre esses problemas, destacar aspectos psicológicos, opiniões, comportamentos, atitudes de indivíduos ou de grupos. Por meio da abordagem qualitativa, o pesquisador tenta descrever a complexidade de uma determinada hipótese, analisar a interação entre as variáveis e ainda interpretar os dados, fatos e teorias (RODRIGUES, 2009, p. 90).

O universo da pesquisa foi a Escola de Educação Básica, situada no Campus I da Universidade Federal da Paraíba, fundada em 21 de setembro de 1988, que atualmente atende filhos de professores, estudantes e funcionários da UFPB, bem como, da comunidade circunvizinha. A escola dispõe de Educação Infantil e Ensino Fundamental – primeira fase.

Portanto, partindo destas premissas metodológicas, traçamos os seguintes procedimentos de pesquisa: visita à escola e solicitação de autorização para o desenvolvimento da pesquisa; observação em sala de aula, destacando o desempenho intelectual da criança, suas interações com os colegas e com a professora, especialmente, sobre o modo em que realiza as atividades junto aos colegas de sala; realização da entrevista junto à criança e seus familiares; intervenção psicopedagógica em leitura e escrita.

Como a nossa pesquisa optou pelo estudo de caso, inicialmente fizemos uma conversa informal com a equipe gestora para mapear alguma situação relacionada ou diagnosticada com o transtorno da dislexia, logo, tivemos a informação sobre G. V., uma criança do sexo feminino com idade de 7 (sete) anos, cursando o segundo 2º ano do Ensino Fundamental I, no turno vespertino.

Cumprindo o rigor científico, foi acordado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido baseado na ética vigente para a realização da pesquisa com seres humanos, exigido pela Resolução nº466/12 do CNS/MS, em que o participante ou o responsável assina concordando em participar e/ou autorizar a participação do menor em estudos com fins acadêmico-científicos.

Em seguida, continuamos os procedimentos junto à professora da referida criança, que prontamente se disponibilizou a contribuir com a pesquisa. A professora ressaltou que a criança apresenta dificuldades no desenvolvimento da leitura e escrita, porém, as dificuldades não a impede de desenvolver estratégias de aprendizagem, pois, trata-se de uma criança muito comunicativa, espontânea e participativa. Segundo a docente, G. mantém ritmos diferenciados de aprendizagem:

Ela tem mais facilidade com a linguagem oral do que com a linguagem escrita, aprende com mais facilidade conhecimentos relacionados com arte, música e teatralidades, não se inibe diante de suas dificuldades, pelo contrário, tenta incansavelmente superar os problemas de aprendizagem acompanhando atentamente cada conteúdo trabalhado em sala, seja de maneira individual ou com ajuda dos colegas, que estão sempre disponíveis a ajudar.

Em seguida, foram realizadas as visitas à escola, que tiveram como procedimentos as observações em sala de aula, onde foi possível verificar a interação da criança com os colegas, o modo em que realiza as atividades, a metodologia utilizada pela professora entre outras situações mais específicas do cotidiano escolar. As observações tinham o objetivo de verificar características específicas da dislexia, perceber o desenvolvimento apresentado pela criança com dislexia em relação ao seu rendimento escolar comparando com as demais crianças da mesma faixa etária (7 a 8 anos).

A partir daí, elaboramos as atividades de avaliação e intervenção psicopedagógica, as quais foram elaboradas com base nas demandas apresentadas pela criança e em conversas com a docente. Para a realização das intervenções psicopedagógicas foram utilizadas: solicitação de autorização dos responsáveis pela criança; entrevista com professora; diário de bordo para anotações sobre as atividades de leitura e escrita que seriam realizadas junto à criança; utilização de alfabeto móvel, alfabeto ilustrativo, jogo caça-palavras reciclado: com palavras dissílaba, trissílaba e polissílaba; jogo “Leitura Divertida” com duas sílabas; Jogo das Silabas; atividades com palavras simples; leitura de histórias; atividade de compreensão de texto; dominó silábico; jogo Twister com as sílabas; quebra- cabeça silábico; atividades de noção temporal.

Durante a primeira atividade foi apresentado o “alfabeto ilustrativo” com as letras, sílabas e imagens correspondendo às letras, com intuito de verificar quais letras a criança reconhecia.

Na segunda atividade avaliativa, foi aplicado o alfabeto móvel, a fim de verificar se a criança identifica os sons específicos das letras, inicialmente foram distribuídas sobre a mesa as fichas com o alfabeto completo de forma desordenada, em seguida, foi solicitado à criança para que colocasse em ordem o alfabeto. Posteriormente, foi pedido para que a mesma fizesse a leitura em voz alta da sequência formada por G. ainda utilizando o alfabeto foi instruído o

recurso fonológico, de maneira que a criança identificasse a letra de acordo com que o mediador fosse pronunciando o som da fala da letra.

Na terceira atividade, foi aplicada uma atividade com quebra-cabeça silábico, de modo que foram expostas aleatoriamente sobre a mesa as respectivas sílabas Ca/ Ma/ Da/ Do/ Mo/ To/ Fa/ Bo/ La/ Sa/ Co/ Po/ Fé. Em seguida foi solicitado que a criança para que a mesma formasse palavras com as sílabas. Para aplicação dessa atividade foi necessário um período de 30 minutos.

Na quarta atividade foi desenvolvido um jogo de quebra-cabeça com sílabas e imagens, para que a criança associasse a imagem aos sons que formavam a palavra. Foi colocado sobre a mesa as fichas com as imagens e as sílabas, em seguida foi solicitado para que a criança escolhesse a figura e posteriormente procurasse as sílabas que correspondiam à imagem escolhida, fazendo com que a criança utilizasse o apoio fonológico a medida que pronunciasse a palavra para a identificação das sílabas correspondente ao sons. As sílabas utilizadas nesta atividade foram: LA, TA, CO, PO, PI, PA, MO, LA, GA, LO, DA, DO, CO, LA, PE e NA. Para a realização desta atividade foi utilizado um período de 45 minutos.

A quinta atividade optamos por utilizar um jogo com sílabas e imagens, com o intuito de trabalhar outras palavras. Foram expostas na mesa fichas com as sílabas: BO, DE, LO, MA, ÇA, RO, SA, PO, LA, TA, XI e fichas com imagens, apresentadas em duas colunas, sendo uma coluna com imagens e outra coluna com sílabas, postas aleatoriamente. Foi solicitado à criança que escolhesse a imagem e em seguida formasse a palavra com as sílabas que correspondiam ao som. Foi orientado que utilizasse a pronúncia da palavra como auxílio.

No sexto momento foi realizada uma atividade com histórias selecionadas pela criança, seguida de uma conversa sobre noções temporais. No primeiro momento foi exposto sobre a mesa três livros de contos de fada e outro sobre natureza (Chapeuzinho Vermelho; Cebolinha e Cascão: Os dois amigos e o urso; Felicidade) em seguida, foi solicitado à criança que escolhesse a história que mais se identificava, após a escolha, o livro foi lido para a criança e em alguns momentos foi solicitado que a mesma interpretasse o que era dito.

Posteriormente, foi realizado um período de conversa a fim de verificar se a criança apresentava noções temporais, inicialmente se deu o diálogo acerca dos dias da semana, em seguida foi perguntado sobre os meses que compõe o ano, e por fim, foi perguntado sobre as horas que compõe o dia.

Na sétima atividade foi desenvolvida uma associação de imagens e palavras, de modo que foi exposto sobre a mesa folhas com imagens e palavras, possuindo 6 imagens por folha sendo estas imagens organizadas dentro de um quadro com as vogais abaixo da figura e na lateral a palavra correspondente à imagem. Em seguida, foi solicitado que a criança pronunciasse em voz alta e posteriormente identificasse a vogal inicial que correspondia à pronúncia anteriormente falada. Após a identificação, a criança completava a palavra com a letra inicial que faltava.

Durante o oitavo momento foi utilizado o jogo de dominó silábico, que havia várias figuras iguais com as sílabas diferentes e a criança teria de encontrar todas as figuras iguais e ordenar as sílabas, ex: três figuras de um macaco, onde continha em uma a sílaba “ma”, no outro “ca” e na última “co” embaralhadas. a criança deveria achar todos os macacos e ordenar as sílabas para formar a palavra macaco. o jogo foi realizado contendo as seguintes palavras: ba-ci-a; ba-ta-ta; bi-go-de; bor-bo-le-ta; bi-ci-cle-ta; bi-du; bam-bo-le; ca-bi-de; can-gu-ru; ca-dei-ra; co-lher; ca-va-lo; ca-me-lo; co-ru-já; ca-ma; co-po; do-mi-nó; di-nhei-ro; de-do; do-ce; di-a-man-te e dra-gão.

Na décima atividade foi exposta uma folha com várias figuras e as sílabas embaralhadas para que a criança identificasse mais uma vez a imagem/som e ordenasse as sílabas de acordo com os sons do fonema.

Durante a décima primeira sessão foi desenvolvido o jogo “*twister* silábico”, realizado com em conjunto com a turma da criança, sujeito da pesquisa, haviam 15 crianças participando desta atividade. Inicialmente foi feito um círculo, destacando no quadro 4 regras: fazer silêncio, tirar os sapatos, ouvir a história e obedecer aos comandos. À medida que se explicava a atividade, era solicitado à turma que atendessem às regras. Em seguida, foi contada uma história curta “A Vela”, e posteriormente foi realizada algumas perguntas, a fim de verificar se a turma havia compreendido o texto lido. Foi solicitado quatro integrantes do grupo por vez, de modo que era perguntado, ao grupo selecionado, algo referente ao texto lido, quem soubesse a resposta teria que levantar a mão, se falasse a resposta corretamente, esse lançava o dado de comando. Os comandos direcionavam qual a mão ou o pé (direito/esquerdo) deveria posicionar no *twister*, bem como informava as cores (amarelo, azul, vermelho e verde), após obedecerem aos comandos, era solicitado a cada participante a dizer uma palavra da sílaba selecionada pelo mesmo.

Na décima segunda atividade foi apresentado um caça-palavras silábico com intuito de encontrar palavras monossílabas, dissílabas e trissílabas no sentido diagonal, vertical e horizontal, o jogo consistiu em tampas com sílabas colados em um papelão e com o auxílio de ligas eram selecionados as palavras encontradas.

O décimo terceiro momento sucedeu na contação da história do livro de fábulas, “Cascão e Cebolinha: dois amigos e um urso”, nesta ocasião, foi pedido às crianças que lessem uma página do livro para podermos observar a fluência da leitura.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O diagnóstico de uma patologia necessita de precisão na observação de características que correspondam com as especificidades da dificuldade investigada, vale ressaltar que apenas um aspecto não é o suficiente para confirmar o transtorno, neste sentido, faz-se necessário a partir de uma suposta impressão, averiguar o comportamento da criança em questão, em sala de aula, com os colegas, professora e perante a realização das atividades, para verificação do seu desempenho e desenvoltura em meio a sua dificuldade.

De acordo com a Associação Nacional de Dislexia (AND), os sinais mais comuns em crianças com dislexia que se encontram no Ensino Fundamental do 2º ao 9º ano são:

- a) Nível de leitura abaixo do esperado para sua série
- b) Dificuldade na sequenciação de letras em palavras
- c) Dificuldade em soletração de palavras
- d) Não gostar de ler em voz alta diante da turma
- e) Dificuldade com enunciados de problemas matemáticos
- f) Dificuldade na expressão através da escrita
- g) Dificuldade na elaboração de textos escritos
- h) Dificuldade na organização da escrita
- i) Podem ter dificuldade na compreensão de textos
- j) Podem ter dificuldade em aprender outros idiomas

A mesma associação ainda apresenta outras características para identificar a dislexia:

- k) Dificuldade na compreensão de piadas, provérbios e gírias
- l) Presença de omissões, trocas e aglutinações de grafemas
- m) Dificuldade de planejar e organizar (tempo) tarefas
- n) Dificuldade em conseguir terminar as tarefas dentro do tempo
- o) Dificuldade na compreensão da linguagem não verbal
- p) Dificuldade em memorizar a tabuada
- q) Dificuldade com figuras geométricas

r) Dificuldade com mapas (AND, 2016, n.p.).

Como a dislexia é um transtorno específico de aprendizagem que engloba a leitura e a escrita é necessário que haja uma contínua interação entre professora, familiares e equipe técnica pedagógica, no entanto, o que observamos na escola é que a professora não tem nenhum apoio de equipe multidisciplinar, tampouco de especialistas na área e/ou cuidadores, o que dificulta intensamente o trabalho, conforme sua declaração:

Acredito que a criança com dislexia precisa ser acompanhada por uma cuidadora na escola, pois mesmo que a professora queira ajuda-la com mais intensidade, não consegue, pois há uma demanda muito grande em sala de aula. G. é uma criança muito atenta, mas se distrai rapidamente com o barulho, as desavenças e a euforia de algumas crianças da turma. Eu gostaria muito que houvesse uma auxiliar em sala para que eu pudesse fazer um acompanhamento mais adequado à G., sei o quanto ela é capaz de avançar, mas o contexto geral da sala, me impediu, em muitos momentos, de dar uma atenção mais especializada, infelizmente, a professora sozinha não consegue manter o ritmo adequado às especificidades da criança com dislexia (PROFESSORA).

Foi observado que a criança possui uma boa interação em sala, expressou ser comunicativa, mantendo iniciação de diálogos, entrosamento com a turma, participação nas brincadeiras e atividades realizadas nas escolas, boa coordenação motora fina na pintura e na escrita, mas, ao se tratar da leitura, a criança se mostrou confusa com algumas letras e na colocação das sílabas, o mesmo em relação à escrita. Apresentou organização e simetria nas letras, soube desenvolver moderadas palavras, mas, com algumas omissões e trocas de letras.

Segundo o DSM V para considerar o indivíduo disléxico, o sujeito deve possuir uma particularidade do transtorno por mais de seis meses, características essas como: pouca fluência na leitura e incompreensão no ato da leitura. De acordo com a professora, a criança apresenta excelentes habilidades na comunicação, porém, na leitura a criança troca letras e não consegue fazer leituras complexas como frases e textos:

Por ser psicopedagoga, desde os primeiros dias de aula eu percebi. Fui identificando alguns fatores que davam indícios de uma dificuldade em leitura, principalmente relacionada à troca de letras e fonemas, ela conseguia escrever, fazer cópias, mas quando eu pedia para ela ler, ela não conseguia, a não ser que eu soletrasse cada letra ajudando-a com as pronúncias e as junções... ela troca o b pelo d, o m pelo n, o t pelo d, entre outras, não consegue ler sílabas com br, tr, dr, lh. (PROFESSORA).

A criança demonstrou conhecer as letras do alfabeto, entretanto, confunde-se com letras com semelhanças sonoras e visuais como é o caso das letras B/D, T/D, C/G, M/N, C/S e G/J e ao realizar formações silábicas a criança faz trocas ortográficas aumentando a dificuldade na hora da escrita, a mesma reconhece as letras isoladamente, e ao associar a letra com a vogal têm a dificuldade de pronunciar e formar as palavras.

No início do encontro G. exibiu interesse de cooperar com as atividades e de reescrever em uma folha as sílabas e palavras introduzidas nas atividades. Como no caso de introdução das famílias do “b, c, d”: “b+a = ba; ba+ba= baba; b+e+b+i= bebi; c+a= Ca; ca+ca+u= cacau; d+a+d+o= dado; d+e+d+o= dedo; du+du= dudu”. O que segundo Rotta (2006) é considerado normal para uma pessoa com dislexia, ou seja, fazer inversões em letras com sons ou com visuais semelhantes.

Durante a atividade do quebra-cabeça silábico, no qual eram para serem montadas palavras como: moto, copo, sapo, faca, bota, cola, casa, café, dado e mala. A menina com dificuldade de leitura montou as palavras cato (como gato), masa (para massa), bola, coca (de coca-cola), modo e cada.

Durante a observação na sala de aula, foi percebido que a criança já foi rotulada pelos colegas como “a menina que tem dificuldade” ou “a menina que não sabe ler”, porém em algumas ocasiões, ao realizar as atividades, a criança conta com a ajuda das colegas que sentam próximo para ler o que a atividade pede, para informar as repostas soletrando para ela.

A dislexia não interfere, aparentemente, nas relações sociais entre as crianças, ela sempre participa das brincadeiras, das atividades em grupo, durante a aula está sempre acompanhando as mesmas atividades dos demais, quando tem dúvida ela pede ajuda a mim, ou até mesmo para as amiguinhas, que estão sempre querendo ajudá-la. As amiguinhas já pedem para ajudá-la antes mesmo que ela ou eu, peça (PROFESSORA).

Interessante destacar que outros rótulos também fazem parte do cotidiano da criança, como “G. é a protegida da professora” ou “G. é a preferida da professora”, pois, constantemente a criança precisa de uma atenção especial na leitura e explicação das atividades, o que foi confirmado durante relato da docente:

Algumas crianças estão bem acostumadas com a dificuldade de leitura dela, pois estudaram juntas há 3 anos consecutivos, isso facilita bastante a socialização da criança em sala. Porém, em algumas situações uma ou outra coleguinha acha que eu estou sempre defendendo e facilitando as coisas para ela (xxxx), pois sempre a ajudo com as tarefas, bem mais do que as outras crianças que não apresentam dificuldades, principalmente em épocas de

avaliações bimestrais em que leio diversas vezes as questões para que ela responda. (PROFESSORA).

Na atividade de jogo de sílabas e imagens G. necessitou do apoio fonológico para processar a atividade, mantendo a dificuldade com o “t” e “c”, informou sonoramente que t+a= “t”; c+o=co ao som do “so”, contudo a mesma conseguiu reunir com o auxílio das imagens, as palavras: la/ta; co/pó; mo/La; ga/ló; da/do; co/La; pe/na. A criança apenas desenvolveu a atividade depois de visualizar as imagens, a princípio não conseguiu fazer as ligações das palavras, apenas leu as letras isoladamente. O resultado da atividade confirma a fala de Pavão (2005) que relata que o indivíduo com dislexia possui a consciência fonológica afetada tornando imprecisa a letra, exercendo assim trocas e omissões nas palavras.

Para a compreensão do sistema de figuras, sílabas e a associação das palavras às figuras correspondentes, os participantes no geral obtiveram êxito na atividade, existindo a dificuldade apenas no “xi”, da palavra “táxi” e no “ça” da palavra maçã, e algumas sentiram dificuldade no “sa” da palavra “rosa” confundindo-a com o som de “Z”. As demais palavras como “bode”, “bola”, “bolo”, “sapo” e “rato” foram lidas tranquilamente. As letras, segundo Morais (1997) e Stampa (2009) podem condicionar ao som da fala, como no caso do som e na escrita das letras “c”, “p”, “m”, ou pode não manter a relação fonética como as letras “x”, “s”, “z” e o “ch” dificultando a assimilação da palavra.

Na atividade de “contação de história” a menina compreendeu bem o que o texto queria transmitir, explicando o que decorria a cada parágrafo, porém, vale ressaltar que a criança nos pediu para que não houvesse mais atividades de leitura e escrita. O nível de compreensão das regras e das orientações passadas foi perceptível, o que corroborou com a fala da professora:

Eu geralmente faço atividades de forma oral com ela, peço para que leia palavras simples, que me explique o que entendeu, ajudo na identificação dos sons, sempre coloco ela em dupla nas tarefas mais complexas, e algumas vezes, elaboro atividades diferenciadas, mas isso é raro, pois ela quer fazer igual ao das colegas, acredito que para não se sentir inferior. Mas ela sempre surpreende, não há limites para o desenvolvimento dela, ela está atenta a tudo e tem muita vontade de aprender! (PROFESSORA).

Quanto às noções temporais, a criança não consegue sequenciar e diferenciar os meses do ano e dias da semana. Ao perguntar a criança sobre os meses do ano a mesma respondeu alguns dias da semana, e ao orienta-la que os meses do ano era “janeiro”, “fevereiro”, “março”, a mesma não soube informar a sequência, mesmo com sendo dadas as dicas de

festividades de cada mês. Com os dias da semana, não foi diferente, a criança conhece os termos referentes à cada dia, mas, não consegue ordená-los.

Durante a atividade de associação imagem e palavra necessitou do apoio fonológico para verificar quais vogais iniciavam as palavras, na palavra “_scola” a mesma sentiu falta da letra “i” para completar a palavras, mas ao ser informada que as opções de resposta eram “a”, “o” e “e” a criança optou pela letra “e”, nas demais gravuras a criança obteve êxito na formação da palavra.

Para o dominó silábico G. se apoiou nas imagens para discriminar as sílabas, porém disse que ficava cansada durante a leitura e identificação das letras.

Na atividade realizada em sala de aula com toda turma, o grupo interagiu bastante, respondendo com atenção e entusiasmo, apresentaram interesse em realizar a atividade proposta que era de leitura e interpretação do texto “A vela”. Ao serem questionadas, respondiam corretamente, obedecendo aos comandos solicitados. No entanto, a criança observada apresentou inibição em responder a pergunta relacionada ao texto, bem como ao obedecer aos seguintes comandos: “1” mão direita na bola verde, “2” pé direito no azul, “3” mão esquerda no vermelho e “4” pé esquerdo no amarelo. G. posicionou a mão direita na bola verde contendo a sílaba “já” e o pé esquerdo situado na bola amarela contendo a sílaba “ra”, ao solicitado que a mesma falasse uma palavra com as sílabas correspondentes ao posicionamento. No entanto a criança associou apenas a sílaba “ra” à palavra “rato”, em contra partida a criança alegou não recordar de palavras com a sílaba “já”.

Com relação ao caça-palavras reciclado, G. teve bastante dificuldade em reconhecer e encontrar palavras, necessitou de auxílio, porém, apresentou disposição em participar. O lúdico é um elemento essencial na aprendizagem da criança, desenvolvendo sua criatividade, coordenação motora, trabalhando sua autoestima, sua memória e atenção facilitando assim, no aprendizado da criança (TEIXEIRA, 2014).

Durante a leitura do livro Cascão e Cebolinha: Os dois amigos e o urso, foi solicitado às crianças que lessem uma página da fábula. Duas meninas leram fluentemente, as demais leram de acordo com seu ritmo, porém G. não demonstrou interesse em realizar ou procurar exercitar o ato da leitura.

A partir das atividades pode-se observar uma resistência de G. em realizar atividades que envolvem o seu problema de leitura, comunicando no meio das atividades que havia um cansaço em executar as tarefas fornecidas. Essa reação é normal para uma criança que possui

limitação, pois, nessas atividades sua dificuldade se torna aparente e o risco das pessoas julgarem é mais alto, causando um processo de ansiedade e tensão no sujeito disléxico.

Para estimular na criança o interesse pela leitura, foram desenvolvidas atividades com jogos. O lúdico na aprendizagem favorece o bem-estar da criança em executar as atividades de forma prazerosa. Deste modo, foram trabalhados os jogos e outras atividades em busca de introduzir gradativamente as palavras no léxico da criança, para que se inserisse de pequenas palavras até chegar à leitura de um texto.

Por sua vez, como a dislexia é um transtorno que não possui cura, a criança deve adquirir estratégias para facilitar o seu aprendizado, de modo que as suas habilidades possam suprir as dificuldades aparentes. Vale ressaltar que é necessária a identificação de qual rota (fonológica ou lexical) o indivíduo com dislexia se apropria para desenvolver as suas ações, por isso a importância de averiguação de vários métodos para trabalhar com as necessidades de cada indivíduo, seja ele o próprio lúdico, consciência fonológica, métodos multissensoriais, entre outros, pois como foi dito ao longo do trabalho, todo indivíduo é um ser único e mesmo apresentando o mesmo problema/dificuldade cada pessoa se desenvolve de maneira única, subjetiva e pessoal.

O Psicopedagogo na instituição é indispensável para o auxílio às crianças com dislexia (PORTO, 2011), portanto, deve fazer parte da equipe multidisciplinar auxiliando a coordenação escolar com intuito de agir de forma preventiva e minimizar as dificuldades existentes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nem toda dificuldade de aprendizagem na inicialização do processo de leitura e escrita se resume à dislexia, os profissionais como o psicopedagogo, fonoaudiólogo ou até mesmo o professor devem orientar aos responsáveis da criança à encaminhá-la para o neurologista para que se possa ter um diagnóstico preciso. Devem-se identificar, a princípio, as causas do problema da não aprendizagem, identificar também fatores internos ou externos para que se possa trabalhar de forma específica a dificuldade existente.

Os relatos da professora foram fundamentais ao longo do trabalho desenvolvido. A mesma expressou seu cuidado e atenção com a criança, bem como, com as atividades

trabalhadas em sala de aula. Seu descontentamento nas dificuldades em assistir inteiramente G. foi nítido, pois, a professora tem consciência das especificidades e necessidades da criança dislexa, porém, por não ter nenhum tipo de auxílio e/ou assessoramento, seu trabalho fica limitado, conseqüentemente, não promove avanços significativos no processo de desenvolvimento da leitura e escrita de G.

G. não apresenta sinais de inibição, timidez ou inferioridade, pelo contrário, interage com os colegas, participa das atividades comuns, é comunicativa e dinâmica com todos em sua volta, desenvolve conversas e brincadeiras adequadas à sua idade. Nas atividades lúdicas a criança foi bem participativa e desenvolve, colaborando com todos os procedimentos. Entretanto, ao realizar atividades de leitura, G. se inibiu várias vezes ao tentar pronunciar palavras escrita, por medo de possíveis críticas. Com palavras curtas G. obteve êxito em organizar e associar alguns vocábulos, no qual com bastante treino a mesma irá inserir mais palavras e sílabas no seu léxico.

Este trabalho teve o intuito de contribuir academicamente com a compreensão do transtorno da dislexia, a partir dos conhecimentos prévios e dos instrumentos utilizados em intervenções psicopedagógicas na instituição escolar. Com isso, contribuiu com o olhar do profissional da psicopedagogia, bem como, de outros profissionais envolvidos neste processo.

Diante das observações compreende-se a importância de métodos auxiliares como mediadores no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita junto às crianças disléxicas. A ludicidade mostra-se um método eficaz pelo qual a criança aprende sem identificar que está adquirindo conhecimentos, por se tratar de uma atividade prazerosa e tão válida quanto a aprendizagem formal. Os métodos fônicos e multissensoriais também são fundamentais para que a criança aprenda com o apoio sonoro e dos outros sentidos facilitando a aquisição do conhecimento no indivíduo léxico.

O Psicopedagogo institucional deve propor na escola projetos inclusivos, projetos de leitura e escrita, trabalhos em grupo que auxiliem o desenvolvimento da criança com a cooperação dos colegas, promover palestras para pais e profissionais da instituição sobre o que é dislexia, suas dificuldades e habilidades, instrumentos e jogos que proporcionem sugestões e adaptações das atividades para facilitar a aprendizagem da leitura e escrita junto à crianças com dislexia.

ABSTRACT

Learning difficulties have been widely discussed in Human Sciences studies and researches, since it is a fact that deserves attention and theoretical deepening because it involves psychosocial, biological and intellectual factors. From this point, comes out the need to identify the discrepancy between a difficulty and a learning disorder, giving attention to dyslexia. Dyslexia impairs the one's learning, since it is a hereditary disorder that interferes with the decoding in the act of reading, writing, in Mathematics performance and in space sense. The aim of this research was to understand the role of psychopedagogical and multidisciplinary interventions as mediation for the development and learning of a dyslexic child in the School of Basic Education of the Federal University of Paraíba, as well as to know the learning process and sociability of the dyslexic child; contributing to the reading and writing of the dyslexic child and develop psychopedagogical methods which help the development and learning of children with dyslexia.

Key words: Psychopedagogical Intervention. Learning difficulties. Dyslexia. Child.

REFERÊNCIAS

ASSOCIATION, A.P. **Manual de Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais**. 5ª ed. Editora Artes Médicas, 2014.

ALVES, L. M.; MOUSINHO,R.; CAPELLINI, S. A. **Dislexia**: Novos temas, novas perspectivas. Wak editora, 2ed. Rio de Janeiro, 2011.

AMARO, D.G. et al. **Atuação em Psicopedagogia Institucional**: Brincar, criar e aprender em diferentes idades. Rio de Janeiro. Wak editora, 2012.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

APRENDENDO EM REDE. **Dislexia não é doença**. Publicado em 20 de maio de 2016. Disponível em: <https://pedagogia738.wordpress.com/2016/05/20/linguagem-estruturada-multissensorial/>. Acesso em 25/09/2016.

BOGDAN, R.; BILKEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora. (1994).

BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil**: Contribuições a partir da prática. 3ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CHAMAT, L. S. J. **Técnicas de Diagnóstico Psicopedagógico**. São Paulo. Editora Vetor. São Paulo, 2008.

CID-10/ Organização Mundial de Saúde: tradução **Centro Colaborador da OMS para classificação da doença em português**. 10 ed. rev. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

DUMAS, J. E. **Psicopatologia da infância e da adolescência**. Artmed. 3ª edição, Porto Alegre, 2011.

GRASSI, T. M. **Psicopedagogia: um olhar uma escuta**. Ibplex. Curitiba, 2009.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LOPES, S. V. A.; **O Processo de Avaliação e Intervenção em Psicopedagogia**. Disponível em: <<https://www.academia.edu/6688812/PROCESSO-DE-AVALIAÇÃO-E-INTERVENÇÃO-PSICOPEDAGÓGICA>>. Acesso em: 15/09/2016.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MALANGA, E. B. **Linguagem e pensamento: introdução a uma abordagem interdisciplinar entre a psicopedagogia e a semiologia para a compreensão da construção do pensamento**. Instituto de Psicopedagogia, Universidade de Santo Amaro. Cad. psicopedag. v.3 n.6. São Paulo, 2004.

MASSI, G. **A dislexia em questão**. Plexus Editora, São Paulo, 2007.

MINAYO, M. C. S.(org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAIS, J. **Alfabetizar para a democracia**. Porto Alegre: Penso, 2014. 184

PAVÃO, V. **Dislexia e disortografia: a importância do diagnóstico.. IGT na Rede**, Rio de Janeiro, RJ, 2005. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=50>>>. Acesso em: 21 08 2016.

PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski: A relevância do social**. 6ª edição. São Paulo. Summus editora, 2015.

PORTO, O. **Psicopedagogia institucional: teoria e prática assessoramento psicopedagógico**.3ª edição. Rio de Janeiro, Wak Editora,2009.

PRADO, E; ALIOTO, O. E.**Estratégias na alfabetização de crianças disléxicas**. São Paulo, 2011.Disponível em: <http://faculadefamesp.com.br/novosite/wp-content/uploads/2011/12/artigo8.pdf> Acesso em: 27/08/2016.

RODRIGUES, A. J. **Metodologia científica**. Completo e essencial para a vida universitária. São Paulo, Avercamp ,2006: II

ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. **Transtorno da Aprendizagem: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar**. Artmed editora, Porto Alegre, 2006.

ROTTA, T, N. PEDROSO, S, F. Transtornos da linguagem, in: ROTTA, T, N. OHLWEILER, L, **Transtorno da aprendizagem abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. 2ª edição, Porto Alegre: Artmed, 2007.

SEBRA, A, G. DIAS, N, M. **Métodos de alfabetização**: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz, Rev. psicopedag. vol.28 no.87 São Paulo 2011

SERRA, D.C. **Teorias e práticas da psicopedagogia institucional**. PR : IESDE Brasil, Curitiba, 2012.

SILVA, M.C.A. Psicopedagogia: **A busca de uma fundamentação teórica**. 2ª edição, São Paulo: Paz e terra,2010.

STAMPA,M. **Aquisição da leitura e da escrita**: uma abordagem teórica e prática a partir da consciência fonológica. Rio de Janeiro: Wak Ed.,2009.

SMITH, C.; STRICK, L. Dificuldades de aprendizagem de A a Z : um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre : Artmed, 2007.

TEIXEIRA, S. **Dislexia na educação infantil**: Intervenção com jogos, brinquedos e brincadeiras. Wak editora, Rio de Janeiro, 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANA, F. V.RIBEIRO, I. BAPTISTA, A. **Ler para ser**: Os caminhos antes, durante e ... depois de aprender a ler. Universidade de Minho Almedina, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

ZORZI, J. L. **Os distúrbios de aprendizagem e os distúrbios específicos de leitura e da escrita**. CEFAC, 2004. Disponível em : [http <www.cefac.br/library/artigos/2405420cdd61d3c9ba0387897e1316ed.pdf>](http://www.cefac.br/library/artigos/2405420cdd61d3c9ba0387897e1316ed.pdf) Acesso em 19/11/2016.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Nossa pesquisa intitulada: **INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA COM CRIANÇA DISLÉXICA: um estudo de caso na Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba**, está sendo desenvolvida pela pesquisadora FABIANA MARIA SOARES DA SILVA, aluna do Curso de Bacharelado em Psicopedagogia da Graduação da Universidade Federal da Paraíba-UFPB sob a orientação da Profª Ma. Fernanda Mendes Cabral Albuquerque Coelho. O objetivo geral desta pesquisa foi mediação para o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança disléxica na Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba. E os objetivos específicos, conhecer o processo de aprendizagem e sociabilidade da criança disléxica; contribuir com a leitura e escrita da criança disléxica e desenvolver métodos psicopedagógicos que auxiliem o desenvolvimento e aprendizagem de crianças com dislexia.

Solicitamos a sua colaboração para autorizar o uso e a produção de imagens e vídeos de seus/suas filhos/as para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica (se for o caso). Por ocasião da publicação dos resultados, o nome da criança será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos para a saúde e bem estar das crianças. Esclarecemos a participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (*se for o caso*). A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, pedimos seu consentimento:

Eu, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para que meu/minha filho/filha participe da pesquisa. Autorizo também a divulgação e publicação dos materiais produzidos durante a pesquisa e seus resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do/a Responsável Legal do/a Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura da Orientadora

Contato da pesquisadora responsável:

FABIANA MARIA SOARES DA SILVA

Email: fabianasoares_jp@hotmail.com

Telefone: (83) 98704-6040

Contato da Orientadora responsável:

FERNANDA MENDES CABRAL ALBUQUERQUE COELHO

Endereço Profissional: Escola de Educação Básica. Universidade Federal da Paraíba.

Cidade Universitária, s/n-Castelo Branco, João Pessoa-PB, 58051-900, Brasil.

Email: fcabralcoelho@bol.com.br

Telefones: (83) 98818-5612/ (83) 9900-0880